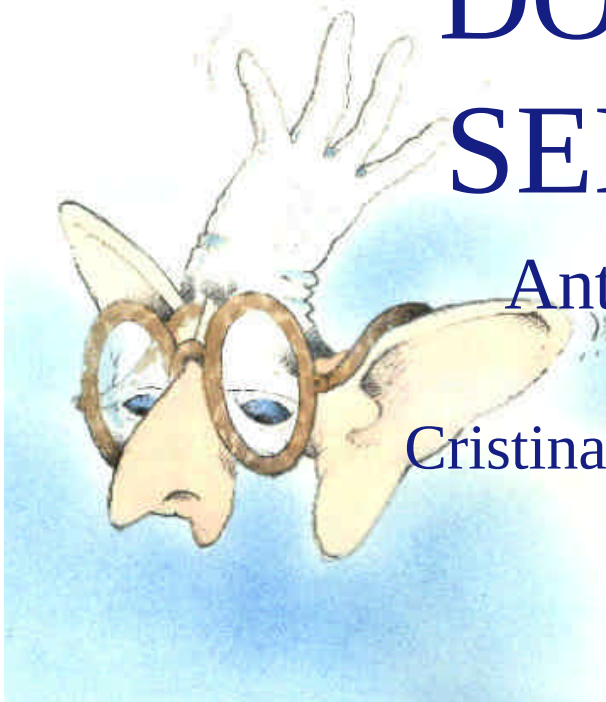


A SOCIEDADE DOS BONS SENTIDOS



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Eram duas orelhas. Só duas orelhas.

Estavam num grande cartaz que anunciava uma marca de aparelhos de rádio: PARA OS RÁDIOS THO-KATU-DO SOU TODO OUVIDOS.

O anúncio passou à história – será esta? – e as orelhas ficaram desempregadas. Que fazer?

Deu-lhes para voar sobre a cidade, como uma borboleta gigante, à procura de poiso.

Foram ter a um ferro-velho ao ar livre, onde, no meio de muita tralha, repousavam, sem préstimo, uns óculos gigantes, com o respectivo nariz. Tinham estado pendurados na fachada de uma loja de oculista, que mudara de ramo.

Associaram-se as orelhas aos óculos mais o nariz. Já não faltava tudo.

A borboleta que voava, agora, sobre os telhados da cidade estava mais completa. Ouvia, via e cheirava.

Operários andavam a desmontar do alto da porta de uma luvaria uma grande mão enluvada. O prédio ia ser deitado abaixo. A quem interessava uma luva sem luvaria?

Interessava à nova sociedade Orelhas, Óculos & Nariz, Ld^a, em franco progresso.

Mesmo enluvada, a mão tinha tacto, pegava em coisas, dizia adeus. Era uma colaboradora imprescindível.

Se as orelhas ouviam, se os olhos atrás dos óculos viam, se o nariz cheirava e se a mão tacteava, o que é que faltava, para completar os cinco sentidos?

– Faltava a boca! – não disseram eles, porque não tinham boca para dizer.

Pois faltava a boca, que é a porta do paladar e, além disso, que fala, ri, assobia, beija. Ter boca dá imenso jeito.

Mas encontrar uma disponível?! Quem a tem, guarda-a para si. Não ia ser fácil.

A sociedade Orelhas, Óculos, Nariz & Mão, Ld^a, resolveu pôr um anúncio no jornal:

BOCA

Precisa-se. De preferência,
com dentes. Resposta a
este jornal, ao nº tal e tal.

Responderam vários candidatos. Ofereceu-se uma dentadura, mas sem boca, o que não era conveniente.

Ofereceu-se a Boca do Inferno, um precipício sobre o mar de Cascais, o que estava fora de causa. Ofereceu-se um pudim chamado Boca Doce, também a despropósito. Ofereceu-se uma boca de favas, que ninguém percebia.

Por isto ou por aquilo, todas as bocas que apareceram foram rejeitadas. A boca do estômago, a boca de incêndio, a boca da noite e outras bocas e boquinhas não vinham para o caso.

– Parece que ficamos sem boca – não disseram eles, que não tinham boca, mas pensaram.

Até que lhes apareceu um coração, um lindo coração doirado de noiva minhota, que se apresentou nestes termos:

– Faço as vezes da boca que vos faz falta, porque tenho o coração ao pé da boca.

Onde? Não se via, mas eles acreditaram. Havia tanta franqueza naquele coração de oiro, que tudo o que ele dizia tinha de ser verdade.

E provou.

O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO, anunciava a cara cheia de um palhaço, de grandes orelhas e óculos estapafúrdios, sobre o nariz pintado, a apontar, com a mão enluvada, a entrada de um circo.

Não passava despercebida.

Aquela cara inocente de palhaço tinha a boca ao pé do coração. Ou vice-versa. E cinco ou mais sentidos de alegria, sempre generosos e prontos a apresentar o maior espectáculo do mundo que é a vida. Ou vice-versa.

FIM